

**RÉPLICA**  
**IMIGRANTES E ESCRAVOS NO ROMANCE *THE***  
***PIONEERS* DE JAMES FENIMORE COOPER**

*Mary A. Junqueira*

O trabalho acadêmico não avança sem críticas e, portanto, sem a leitura atenta dos nossos pares. Dessa maneira, agradeço à professora Kátia Gerab Baggio pelas questões formuladas, pois elas me permitem preencher lacunas, esclarecer dúvidas e aprofundar a reflexão que desenvolvi nesse artigo sobre o romance **Os Pioneiros** de James Fenimore Cooper. Kátia faz referência a dois pontos ausentes na análise: em primeiro lugar, salienta que a existência de imigrantes europeus na região central do Estado de Nova York poderia ser tratada de forma mais ampla; em segundo, refere-se à posição do autor em relação à escravidão que se difundia tanto no Norte quanto no Sul dos Estados Unidos na primeira metade do século XIX.

Pretendo, aqui, ampliar a discussão sobre o mundo social descrito no romance de James Fenimore Cooper. O autor descreve a presença de imigrantes entre os habitantes da vila Templetown, alguns deles amigos próximos do juiz Temple. Pode-se sugerir que a crítica de Cooper não é contra os imigrantes em si, mas contra os setores populares. Evidentemente, os imigrantes que fizessem parte dos segmentos mais baixos da sociedade – os que não se conformavam com o lugar subalterno a eles reservado, os que lutavam pelo voto universal e os que clamavam pela posse de terras – eram vistos pelo autor como desclassificados. Os imigrantes, que já inchavam algumas cidades – principalmente Nova York - preocupavam Cooper, quando ele escreveu *The American Democrat*:

A grande imigração de estrangeiros para o país, a reunião destes em grandes cidades, mostra que o sufrágio universal é duplamente opressivo para os antigos cidadãos. Os nativos de outros países trazem com eles preconceitos que vêm da sua origem e podem ser antagonistas desta sociedade; ou, o que é ainda pior, e isso é um doloroso e humilhante fato, que vários dos principais lugares desse país estão sob o controle de homens dessa classe, que não tem convicções sobre a liberdade, além de que são totalmente ignorantes sobre os princípios do governo...Muitos desses homens não falam a língua da terra, e outros não conhecem as leis que regem o país (Cooper, 1959: 180).

A solução para Cooper era uma só: fortalecer os governos locais (tanto pequenas cidades quanto povoados), que deveriam ser controlados por homens da elite comprometidos com os interesses da sua região e solidamente vinculados à terra, sem as previsíveis flutuações e mobilidade dos imigrantes, que não se fixavam e, portanto, não se comprometiam com os problemas ou o desenvolvimento da localidade, fosse rural ou urbana.

Cooper acreditava que a sociedade era ‘naturalmente hierarquizada’ e não via os imigrantes como os únicos “arrivistas”. Isso fica claro quando ele descreve os amigos mais próximos do juiz Temple. Entre eles estão Monsieur Le Quoi, um francês refugiado das Índias Ocidentais, que, graças à generosidade do juiz, tornara-se um comerciante de secos e molhados no povoado, e o major Frederick Hartmann, alemão, amigo íntimo de Temple. Um terceiro amigo, Richard Jones, este um norte-americano de New England, foi caracterizado por Cooper como homem ambicioso, egoísta e pretensioso. Os dois imigrantes – o francês e o alemão – são caracterizadas de forma positiva, pois eles aceitavam a proteção e a natural liderança do juiz, qualidades que os distinguiam de Richard Jones, que, embora consentisse com a posição de comando de Temple, era descrito como arrivista. A partir da descrição dos amigos de Temple, pode-se sugerir que a crítica não estava direcionada aos imigrantes em geral (Richard Jones não era imigrante e fora desqualificado por Cooper), estava voltada àqueles que considerava ávidos pela igualdade social, pois, como já afirmei, para Cooper a sociedade era naturalmente desigual, cabendo à elite o papel fundamental de funcionar como uma espécie de dique que contivesse a ‘mediocridade da ruidosa maioria’.

A segunda colocação da professora Kátia Baggio relaciona-se com o tema da escravidão na obra de Cooper. A autora, com muita pertinência, afirma que a ausência de conflitos entre senhores e escravos

é reveladora da posição de Cooper sobre a instituição da escravidão nos Estados Unidos. Um dos primeiros personagens a ser descritos por Cooper em **Os Pioneiros** é Aggy, um escravo doméstico. Aggy era de propriedade de Richard Jones, mas estava arrendado para o juiz Temple. É evidente a atitude paternalista e a postura de condescendência de Temple com relação à posição inferior de tal homem. O juiz Temple era um *gentleman* que expressava pelo rude homem negro a ‘misericórdia e compaixão’ própria dos indivíduos de ‘espírito superior’. Mais uma vez, em *The American Democrat*, o autor esclarecia a sua posição sobre a escravidão:

.... pelos códigos cristãos, a escravidão não é mais pecaminosa do que possa ser usar um bom casaco, enquanto outros estão em andrajos; ter uma refeição melhor que o seu vizinho, ou, em outras palavras, desfrutar a vida, enquanto outros sofrem necessidades... É muito possível ser excelente cristão e proprietário de escravos ao mesmo tempo; a relação entre senhor e escravo pode mostrar alguns dos mais dignos caracteres.... Em uma palavra, a escravidão pode beneficiar o homem, não há dúvidas sobre o que o africano é, em quase todos os aspectos, é melhor fazer parte da servidão nesse país, do que viver em estado de barbárie em casa. (Cooper, 1959: 219 e 220).

O texto mostra claramente a posição conservadora, preconceituosa e ‘aristocrática’ de James Fenimore Cooper. A instituição da escravidão era benéfica para os negros, uma vez que o estado brutal sob o qual viviam na África era infinitamente mais deplorável do que a ‘amena servidão’ em que viviam nos Estados Unidos. Além disso, a escravidão, para o nosso autor, estava vinculada à questão da propriedade privada: não era diferente ter um escravo, ter um casaco ou apreciar um bom prato de comida. Cooper, assim, colocava o escravo como ‘coisa’, que poderia tornar-se propriedade de um homem branco de posses.

Para terminar, quero frisar que a análise desse artigo sobre **Os Pioneiros** foi escrita com o objetivo de questionar alguns estereótipos que nós, brasileiros, temos sobre a história norte-americana. Acredito que muitas das imagens positivas que temos daquela cultura estão relacionadas à máquina de propaganda de Hollywood e à mídia brasileira, que, em geral, vê os Estados Unidos como um modelo a ser seguido. Uma das imagens canônicas, constantemente reproduzidas, é a de que os Estados Unidos são o lugar da democracia e do pequeno proprietário. Lugar de oportunidades para quem vinha do nada e, conseqüentemente, o espaço da igualdade e da liberdade. O romance de Cooper nos mostra que o processo de construção do país foi profundamente mais complexo:

a democracia foi amplamente questionada e houve inúmeras barreiras levantadas pela elite contra a idéia de igualdade. O próprio autor defendeu de forma extremamente conservadora a contenção das aspirações dos setores populares. Houve uma longa e dura luta dos excluídos em direção aos direitos e à cidadania. Além disso, o mito de que especialmente as regiões Nordeste e Centro-Oeste do país foram predominantemente construídas por pioneiros rudes e simples, proprietários de pequenas fazendas (Marientras, 1992: 79-85) não corresponde à realidade, pois o próprio Cooper fora um grande proprietário no Estado de Nova York e, como ele, houve muitos outros.

#### REFERÊNCIAS

- COOPER, James Fenimore. *The American Democrat*. Nova York, Alfred A. Knopf, 1959.
- MARIENTRAS, Elise. *Les Mythes Fondateurs de la Nation Americaine*. Bruxelas, Complexe, 1992.